

MANUELA CASTRO NEVES: ENTRE A LITERATURA PARA A INFÂNCIA E A PEDAGOGIA¹

SARA REIS DA SILVA

1 Por vontade expressa da sua autora, este texto encontra-se escrito em Português europeu e segue a norma anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

INTRODUÇÃO

Na História da Literatura Portuguesa para a Infância e a Juventude, não é raro encontrarmos a presença de autoras que repartiram o seu percurso biobibliográfico entre a docência e a ficção. Desde Irene Lisboa (1892-1957), passando por Natércia Rocha (1924-2004) e Luísa Dacosta (1927-2015), até Matilde Rosa Araújo (1921-2010), são vários os nomes que podemos associar a essa dupla e concomitante prática que tem a criança no seu centro.

Aliás, genericamente, tem sido assídua, forte e, em certos casos, muito reconhecida a escrita com assinatura feminina na Literatura Portuguesa de potencial recepção infantil, recepção naturalmente muito condicionada pelo contexto histórico-cultural da sua produção, facto que resulta, por exemplo, no registo francamente aberto e claro da sua autoria, ou seja, com recurso ao nome verdadeiro/próprio ou, pelo contrário, com necessário uso de pseudónimos. De notar que, conquanto a quantidade e a qualidade dos nomes a reter sejam significativos – e aos mais relevantes aludiremos de seguida –, a verdade é que muitos deles acabaram por ser votados ao esquecimento, integrando infelizmente o grupo das “*femmes oubliées*” (SILVA; BESSE, 2016) da literatura e das artes portuguesas. Procurando, na medida das nossas possibilidades, contrariar essa tendência, pessoalmente temos vindo a produzir estudos monográficos que tematizam o percurso ou a produção literária de algumas dessas autoras (SILVA, 2009; 2010; 2011; 2014; 2015); (SILVA; RIBEIRO, 2012, 2016); (VICENTE; VICENTE, 2015). Ao nosso trabalho adicionamos os de outros investigadores (EVARISTO, 2016; MACEDO, 2018; RAMOS, 2016; RAMOS, GOMES E SILVA, 2012a; RAMOS, GOMES E SILVA, 2012b; RAMOS, GOMES E SILVA, 2012c) que têm contribuído igualmente tanto para a recuperação da memória de certas escritoras como para a legitimação da escrita de outras, situadas já num tempo mais próximo do nosso ou na actualidade.

Com efeito, depois de, na primeira metade do século XX, Ana de Castro Osório (1872-1935), Virgínia de Castro e Almeida (1878-1945), Maria Sofia de Santo Tirso², Emília de Sousa Costa (1877-1959), Irene Lisboa (1892-1957) ou Maria Lamas (1893-1983), entre outras, terem dado os primeiros passos no universo em questão, já a partir dos anos 1950, sobressaiu a produção literária de Ilse Losa (1913-2006), Maria Cecília Correia (1919-1993), Esther de Lemos (1929-), Lília da Fonseca (1916-1991), Maria Lúcia Namorado (1909-2000), Sophia de Mello Breyner Andresen (1919-2004), Maria Isabel de Mendonça Soares (1922-2017) ou Maria Rosa Colaço (1935-2004), nomes aos quais se juntam outros meritórios e cuja actividade se prolongou no tempo, até ao século XXI, em certos casos. Neste conjunto, integram-se, por exemplo, Alice Gomes (1910-1983), Matilde Rosa Araújo (1921-2010), Luísa Dacosta (1927-2015), Maria Cândida Mendonça (1930-1997), Natércia Rocha (1924-2004), Maria Alberta Menéres (1930-), Luísa Ducla Soares (1939-), Alice Vieira (1943-), Violeta Figueiredo (1947-) e Ana Saldanha (1959-). A uma nova(íssima) geração pertencem Isabel Minhós Martins (1974-), uma das mentoras da editora Planeta Tangerina e autora especialmente hábil na criação de narrativa breve, em particular, em forma(to) de álbum narrativo, bem como Carla Maia de Almeida (1969-), com obra reconhecida no domínio do conto e da narrativa juvenil, ou Ana Pessoa (1982-), cujos romances juvenis têm tido uma importante recepção crítica.

A este conjunto prestigiado de escritoras, cumpre juntar, na contemporaneidade, Manuela Castro Neves que, tendo sido professora do 1º ciclo do Ensino Básico (ou seja, num nível de escolaridade frequentado por crianças com idades compreendidas entre os seis e os dez anos) e dispondo de larga experiência

2 Não foi/é possível encontrar as datas de nascimento e de falecimento desta autora.

de trabalho com crianças, principia a escrita e a edição de livros para a infância já no final da primeira década deste século.

Não perfazem ainda uma dezena os títulos que Manuela Castro Neves tem editado preferencialmente para o leitor infantil. Ora com a chancela da editorial Caminho, ora da Planeta Tangerina, ora, ainda, da Máquina de Voar, os sete volumes que assina ostentam diversos denominadores comuns, visíveis, por exemplo, não apenas do ponto de vista do texto verbal, mas também da própria composição visual e gráfica. Em todos, também, não é difícil pressentir a intencionalidade formativa desta autora-pedagoga, com um largo e reconhecido trabalho, muito empenhado, no âmbito da pedagogia e da formação de professores. Na verdade, professora durante mais de 40 anos³, Manuela Castro Neves encontra, no final da década de 1960, o Movimento da Escola Moderna (MEM), uma Associação de Professores e outros Profissionais da Educação formalizada em 1976, que promovem a integração dos valores democráticos na vida das escolas. Durante os seus anos de exercício docente e pedagógico, envolveu-se (e continua envolvida)⁴ na formação de professores e em diversos projectos pedagógicos, tendo reflectido e publicado longamente acerca da promoção do sucesso escolar, da educação, da escola, do ensino do Português e da Matemática, entre outros. Desse conjunto de publicações, destacam-se, por exemplo, ambos em co-autoria com Margarida Alves Martins, *Materiais de Apoio aos Novos Programas* (Ministério da Educação, 1998) e *Descobrimo a*

3 Em e-mail trocado com a autora, em Dezembro de 2017, pudemos obter a seguinte informação, escrita na primeira pessoa: “nasci numa aldeia do Ribatejo, Pontével, a 2 de janeiro. Trabalhei como professora de 1º ciclo, desde o início da década de sessenta, fi-lo durante 44 anos e reformei-me há cerca de doze. A partir de então, tenho-me dedicado mais à escrita e à visita a escolas e jardins de infância enquanto autora de histórias”.

4 Para saber mais Manuela Castro Neves, sugere-se a leitura de: <http://visao.sapo.pt/jornaldeletras/ideias/professora-de-afetos=f610412>.

Linguagem Escrita. Uma experiência de aprendizagem da leitura e da escrita numa escola de intervenção prioritária (Escolar Editora, 2000).

Assim, como sugerimos, muito centrado na pedagogia e deixando transparecer uma especial propensão investigativa e formativa, o percurso de Manuela Castro Neves engloba também um olhar mais lúdico sobre a infância e sobre a sua natural sensibilidade perante certas manifestações literárias (por exemplo, em verso rimado). Deste impulso criativo e naturalmente de vivência próxima, durante largos anos, com crianças, resultaram já, como registámos, sete obras especialmente vocacionadas para o leitor infantil.

A OBRA PARA A INFÂNCIA DE MANUELA CASTRO NEVES: UM CRUZAMENTO SINGULAR DAS VERTENTES LITERÁRIA, LÚDICA E PEDAGÓGICA

No final da primeira década deste século, Manuela Castro Neves principia, por conseguinte, a edição de um conjunto de volumes, graficamente muito cuidados, com capa dura e ilustrações de qualidade, assinadas ora por Madalena Matoso (1974-), ora por Yara Kono (1972-), ora, ainda, por Maria Bouza (1983-). Reitere-se o facto das sete obras que vieram a lume até à data (Janeiro de 2018) terem sido editadas apenas por três casas editoriais: a já “clássica” Caminho, a jovem e inovadora Planeta Tangerina e a novíssima Máquina de Voar.

O primeiro título para a infância assinado por Manuela Castro Neves, *O Elefante Diferente (que espantava toda a gente)*, foi dado à estampa em 2009 (com terceira edição já de 2013 e edição brasileira datada de 2012), com a chancela da Caminho e com uma composição visual da autoria da premiada ilustra-

dora Madalena Matoso⁵, artista ligada a outra editora relevante, em concreto a Planeta Tangerina.

Centrada numa figura animal, como anuncia o título, e ficcionalizando a temática da diferença, também avançada pelo adjectivo patente no referido elemento paratextual, a narrativa em verso rimado dá a conhecer as aventuras e desventuras de um elefante que tem uma tromba bastante peculiar. Na verdade, o protagonista percorre distintos lugares (casa, supermercado, praia, salão de chá e comboio) e, em todos, o corpo permanece num espaço particular, ao passo que a tromba, irrequieta e irreverente, se desloca para outro: “Quando ele ia a qualquer lado, a ponta da sua tromba ia muito muito à frente”. O inesperado acontece quando esta se autonomiza e acaba por desaparecer temporariamente. Não deixando de evidenciar um especial contorno *nonsensical*, o relato, aberto através da fórmula hipercodificada “era uma vez” e concluído positivamente, revela-se notoriamente surpreendente e expressivo. Note-se a assiduidade das estruturas paralelísticas, muitas vezes anafóricas, e das repetições vocabulares. A estes recursos, juntam-se, ainda, uma assinalável variedade lexical, uma adjectivação expressiva e verbos actanciais, bem como uma cadência ou um ritmo que muito favorecem a adesão do potencial leitor/ouvinte ao texto.

Em capa dura e com uma profusa e cromaticamente forte composição visual – que ocupa inclusive, de forma expressiva e significativa (pela sua relação com o conteúdo da obra), as próprias guardas iniciais e finais –, uma sequência ilustrativa que, assente em técnicas como o recorte e colagem, se distingue pelo detalhe e pelas inúmeras “piscadelas de olho” ao leitor, a obra encontra-se recomendada pelo Plano Nacional de Leitura

5 Madalena Matoso recebeu o Prémio Nacional de Ilustração em 2008 e menções especiais do mesmo prémio em 2006, 2007 e 2009.

(PNL)⁶ de Portugal para a Educação Pré-Escolar (ou seja, dos três aos seis anos de idade).

Em 2012, é publicada *Uma Cadela Amarela e Vários Amigos Dela*, segunda obra da autora, editada com a mesma chancela e ilustrações, de igual modo, da autoria de Madalena Matoso. Também especialmente dirigido a primeiros leitores – na contracapa, pode ler-se a inscrição “Para meninos a partir dos 3 anos” –, o volume centra-se, uma vez mais, numa figura animal, desta vez, uma cadela de cor amarela, e num conjunto de outros seres também animais que vão sendo introduzidos sequencialmente, num primeiro momento, a partir de numeração crescente – de um a dez. Na segunda parte do relato, que se afigura, aliás, uma especial “arca de Noé” (os dez “bichos” acabam por entrar todos dentro de uma caravela), as personagens interagem verbalmente, manifestando a sua admiração e afecto por um bebé muito singular: “um golfinho/acabado de nascer”. A rima e a arquitectura paralelística, já observadas no primeiro volume da autora em análise, ressurgem nesta segunda obra, que se distingue também pela evidente proximidade estrutural e estilística com as lengalengas, em concreto, as que, incluídas por Costa (1992), na categoria das “Histórias rimadas infantis”, assentam no encadeamento, na enumeração e, por vezes, também na pergunta-resposta (COSTA, 1992, p. 128-129).

Do ponto de vista da própria composição gráfica e/ou ilustrativa da obra, destaca-se o facto de cada quadra, seguida de um dístico interrogativo, registado num tamanho de letra ligeiramente superior e a negrito, ocupar, juntamente com a ilustração que a acompanha, uma dupla página. O registo visual responde positivamente ao discurso verbal, refletindo a sua vivacidade e dinamismo. As formas arredondadas e as cores fortes e contrastivas, por exemplo, permitem-nos arriscar as designa-

ções de “alegre” e, conseqüentemente, atractiva, para esta obra de Manuela Castro Neves.

Em síntese, tematizando, uma vez mais, o tópicó da diferença, *Uma Cadela Amarela e vários amigos dela* ficcionaliza, agora e ainda, questões como a diversidade (metaforizada na associação ou no convívio pacífico de tantas espécies distintas), os afectos ou a amizade.

A matriz hipotextual que assinalámos relativamente à obra que vimos de reler, ou seja, a influência de uma das formas poético-líricas da tradição oral com maior divulgação, em concreto, a lengalenga, é objectivamente assumida logo no próprio título do terceiro volume publicado por Manuela Castro Neves: *Tantos Animais e Outras Lengalengas de Contar* (2013). Trata-se de uma publicação na qual a vertente pedagógica se alia abertamente à vertente lúdica e à vertente estética, na medida em que os textos que compõem a colectânea são inspirados em conceitos matemáticos (pares, dobros, múltiplos, divisores, padrões crescentes e decrescentes, entre outros), além de possibilitarem o contacto de forma divertida e a partir da literatura precisamente com esse universo de saberes. Aliás, segundo esclarece a própria editora, a Planeta Tangerina, estes textos foram sendo criados pela autora para as crianças das várias escolas por onde passou e no âmbito de alguns projectos nos quais participou. Este fundo pedagógico encontra-se implícito no próprio índice da publicação, elemento paratextual apresentado numa tabela que contempla, além das páginas e dos títulos dos poemas, uma coluna com a referência aos temas matemáticos que se encontram subjacentes a cada um dos textos.

Sob o signo do humor, mesclam-se, assim, na compilação em análise e nas suas vinte lengalengas: ovelhinhas às dúzias, animais oferecidos sucessivamente nos sete dias da semana, todos contados num texto poético extenso e de carácter (a)cumulativo; galinhas que vão ficando sem penas, como se lê em “A

minha galinha”, poema de estrutura repetitiva e construído a partir de uma enumeração regressiva; coelhinhos que dão saltos de dois em dois e que vão parar à casa 20; macacos, galinhas ou leões, em muitas “multicomplicações”, entre outros.

As ilustrações de Yara Kono, ilustradora premiada⁷, também ligada à Planeta Tangerina, revelam uma leitura simultaneamente atenta e criativa do texto, seguindo o seu sentido cómico e nunca deixando de incluir a inscrição de algarismos, muitas vezes, até, com uma apresentação personificada, como sucede na composição visual respeitante ao poema “Tu és a minha metade”.

Sumariamente, na obra analisada, joga-se com mestria, de novo, com as palavras e, neste caso, com os números, articulando-se ou ligando-se, assim, áreas de conhecimento. Ler, dizer ou ouvir poesia encerra, aqui também, uma possibilidade de aprender de forma lúdica alguns conceitos basilares da matemática.

Com primeira edição datada de 2015 (e com segunda de 2016), *Cinco Pais Natais e Tudo o Mais*, quarto volume assinado por Manuela Castro Neves, introduz um tópico que, anteriormente, não tinha, ainda, sido versado: o Natal. Em certa medida, diversa é, igualmente, a forma escolhida para a autora para o tratar. Neste volume, contrariamente ao que se observa nos anteriores, a narrativa apresenta-se quase sempre em prosa, entremeada de verso rimado, ao jeito da lengalenga, e evidencia uma extensão considerável. A acção principia com um “mistério”: quem teria posto cinco Pai Natais de chocolate em cima da mesa da sala de jantar do André? André, protagonista do conto, diverte-se, então, com este presente especial, os quais, sucessivamente, vão sendo acompanhados por trenós, oferecidos pela avó, renas, oferecidas pela tia Filomena, guizos oferecidos pelo primo Narciso, sacos

7 Foi galardoada, entre outros, com, em 2010, o Prémio Nacional de Ilustração e, em 2016, com o Prémio Bissaya Barreto de Literatura para a Infância.

para presentes, e os próprios presentes, um conjunto de elementos que, juntamente com um pinheiro, uma “fiada de luzinhas”, uma estrela, bolas, um presépio, filhoses e um bolo-rei, entre outros, compuseram um especial cenário natalício.

Num discurso manifestamente envolvente e apelativo, com uma especial cadência, decorrente, de forma determinante, da estrutura paralelística, do recurso ao discurso directo e/ou ao diálogo, às perguntas retóricas, bem como e, muito particularmente, à rima interna e ao cómico de carácter e de situação, por exemplo, a narrativa é habitada por personagens diversas e por vários elementos do quotidiano e típicos da época natalícia. A tematização da amizade, da união e da família, entre outros, ganha aqui especial significado.

Cinco Pai Natais e Tudo o Mais, volume patente nas Listas do Plano Nacional de Leitura, conta com expressivas ilustrações assinadas por Maria Bouza. A composição visual, reflectindo o essencial da narrativa, introduz, com originalidade, detalhes interessantes e abre outras possibilidades de leitura.

O Pato Amarelo e o Gato Riscado, publicado no mesmo ano da última obra analisada (2015), é, de igual modo, uma narrativa breve ou um conto. A dicotomia ao nível da categoria narratológica das personagens que o título estipula prolonga-se ao longo do relato e anuncia, desde logo, uma das linhas ideotemáticas que, com mais evidência, é neste tratada: a diferença. Releia-se, a este propósito, o seguinte excerto da obra:

O Pato Amarelo e o Gato Riscado tornaram-se grandes amigos. [...]

Um tinha cauda comprida, o outro não. Um tinha penas, o outro, pelo. Um tinha duas patas, o outro, quatro. Um tinha (NEVES, 2015, p. 6).

Ao tópicos aludido associam-se, ainda, outros dois, em concreto, a amizade e a solidariedade, ambos igualmente assíduos na escrita de Manuela Castro Neves.

A narrativa desenvolve-se, pois, a partir de uma situação inesperada, que força a separação dos dois amigos e que faz com que o pequeno felino tenha de contar com a ajuda sucessiva de um mocho enorme, um burrinho, uma vaca, um pavão e um menino de bicicleta. O discurso, com reminiscências de alguns contos de animais da tradição oral, nomeadamente pelo “desfile” de animais e pela estrutura repetitiva, com segmentos em rima emparelhada, por exemplo, deixa transparecer uma especial vivacidade, fortemente decorrente dos trechos dialogados, leves e animados. O uso de frases imterrogativas, de carácter retórico, dota também o texto de um tom apelativo, prendendo a atenção do pequeno leitor.

De salientar a ficcionalização de uma temática com a qual o potencial destinatário se poderá identificar com facilidade. Trata-se da ludicidade, do jogo, do brincar ou dos brinquedos e das brincadeiras infantis, aqui patentes logo no pregão de um veado:

Tenho skates para gatos,
patins para patos,
trotinetes para coelhinhos,
e também para raposinhos.
Baloços para chibinhos,
pranchas para crocodilos,
guitarras para esquilos,
triciclos para pardais
e muitas, muitas coisas mais! (NEVES, 2015, p. 8)

E é precisamente com a substantivação desse impulso lúdico que distingue a criança, mas, neste caso, atribuído, a partir da personificação, aos dois amigos protagonistas, que a acção termina positivamente e se fecha o conto em análise.

Uma nota apenas para assinalar o facto de, uma vez mais, a linguagem visual de Madalena Matoso se adequar visivelmente à construção ficcional de Manuela Castro Neves. Com efeito, as ilustrações da artista em causa, além de deixarem transparecer alguns dos principais aspectos relativos a categorias da narrativa como as personagens ou a acção, por exemplo, dão conta, designadamente pelos tons intensos e contrastivos, pela reiteração de traços, muitas vezes, rectos ou paralelos, por exemplo, da vitalidade do discurso da autora em estudo.

Com um título notoriamente poético, *Um Cavalinho entre Papoilas e Estrelas* (2017) é a primeira de duas obras publicadas em 2017. Trata-se de uma narrativa extensa, entretecida de fios ideotemáticos extraordinariamente estimulantes ou motivadores de uma reflexão que, em boa verdade, não deixa de tocar, por vezes, o filosófico. Protagonizada, uma vez mais, por um animal personificado, rodeado de outros tantos, expressivamente adjectivados – “ovelha lanuda, a vaca pançuda, a cabrinha saltuda, o coelho orelhudo, o gato patudo, o pato penudo” (NEVES, 2017, p. 6) –, a narrativa situa-se num cenário natural e faz sobressair alguns dos seus elementos mais valiosos ou vitais, como o “ar leve e fresco da madrugada” (p. 6) as “papoilas e malmequeres” (p. 34) ou “Um jacarandá florido” (p. 34) que “balançava ao vento” (p. 34), por exemplo. Binómios como campo-cidade, a “cidade de betão” (p. 8), ou terra-céu/ar revestem-se de uma particular semântica e possibilitam o cruzamento de vocábulos dos campos lexicais em questão.

O discurso ilustrativo de Madalena Matoso, composto a partir de uma técnica mista e no estilo a que nos tem habituado, assenta em estratégias como o contraste cromático e o recurso assíduo a cores vivas e brilhantes e materializa, com delicadeza e sensibilidade, a sugerida construção dicotómica da narrativa. Um apontamento, ainda, para salientar o facto de, na página dupla na qual se regista o desfecho da narrativa, a ilustração

conter, também, texto verbal, incluindo a inscrição “Fim”, vocábulo que vem reiterar o desenlace positivo e/ou eufórico, transcrito na fórmula hipercodificada de encerramento “e viveram felizes para sempre” (NEVES, 2017, p. 36).

Perpassado por temas e/ou motivos como a liberdade, a amizade, o sonho, a aventura, o autoconhecimento e a importância das origens ou do espaço matricial, entre outros, o conto é um exemplo de como a literatura para a infância de qualidade é também literatura “para todos”, proporcionando múltiplos níveis de leitura.

Muitos dos aspectos e das características que enunciámos relativamente às obras supra-analisadas, ressurgem no último livro (2017) publicado pela autora em apreço: *Um Fantasminha no Jardim*. Trata-se de um conto, nascido de um desafio colocado à autora por um grupo de crianças de um jardim-de-infância, como se pode ler numa nota paratextual, inscrita nas guardas iniciais do volume: “escrever uma história que tivesse como personagens um fantasma, uma fada, uma flor, um mergulhador”. Desta feita, contemplando uma original galeria de personagens de índole distinta – animal, maravilhosa, entre outras –, como se assinalou, o relato desenvolve-se em torno da temática do medo que é, portanto, ficcionalizada de forma particularmente sugestiva nesta obra. Conta-se a história da “bela Fada Mimosa”, de um fantasminha de olhos tristes que vestia um “fato branco de neve”, feito de algodão, e que vivia muito sozinho, de uma Flor que se comove com a tristeza deste companheiro, e de um Mergulhador que encontra a estrela dourada, perdida de uma varinha, um objecto mágico com o qual se inverte a solidão do protagonista. Na acção, participam, ainda, um grupo de crianças, “vinte meninos”, que, já sem medo, se tornam amigos do Fantasminha e que com ele querem brincar.

A natureza serve de cenário a esta acção viva, sendo os seus elementos detalhadamente descritos, a partir de um dis-

curso marcado pela enumeração assídua, pela adjectivação expressiva, por vezes, dupla, pelo forte sensorialismo, em particular, pelo recurso às sensações visuais, pela metáfora e pela personificação, entre outros. Uma vez mais, cumpre ressaltar a amplitude e variedade lexicais patentes no texto em análise, sendo possível identificar hipónimos diversos de, por exemplo, árvore (faias, olaias, sabugeiros, entre outros), flor (cravo, rosa, jasmim, alecrim, entre outros) e animal (pato, gato, peixe, cegonha, entre outros), entre outros.

O discurso pictórico de Maria Bouza responde com eficácia ao registo marcadamente visualista de Manuela Castro Neves. Ocupando a cor verde um espaço significativo da generalidade das páginas e observando-se uma recriação atenta de vários elementos da fauna e da flora, as ilustrações acentuam aspectos que se prendem quer com o espaço, quer com as personagens e a (inter)acção, com particular incidência para o protagonista que, na página dupla com que fecha o volume, surge numa dimensão considerável, dotado de coração e rodeado de crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em síntese, as sete obras da autoria de Manuela Castro Neves que, nesta breve abordagem, revisitámos consubstanciam, em larga medida, algumas das mais consistentes tendências da literatura portuguesa que tem na criança o seu preferencial destinatário. Referimo-nos, em concreto, à forte presença animal, não raras vezes, evidenciando traços muito próximos da fabulística tradicional, por exemplo, pela configuração/fundo ético-moral e pela própria personificação, a revisitação ou recriação do maravilhoso, o humor, assim como pela recuperação de estruturas rimadas, marcadas pela repetição ou pelo paralelismo de construção e/ou anafórico.

Fechamos o presente estudo, evocando a obra *Fundamental*

Concepts of Children's Literature Research (2009), volume no qual o investigador alemão Hans-Heino Ewers retoma e explicita um conjunto de normas inerentes à literatura para a infância. A primeira desta série identifica esta literatura “as a medium of the mediation of knowledge and values (didactic literature)”, norma seguida, ainda, por outras que a entendem, por exemplo, como “as a means of promoting reading” ou “as medium of aesthetic education”, tendo como antónima a ideia de literatura “as a pure entertainment” (EWERS, 2009, p. 122).

Lidos à luz do enquadramento teórico a que vimos de aludir, o caso dos textos para a infância de Manuela Castro Neves afigura-se peculiar. Com efeito, a sua escrita parece reger-se por cada uma e, ao mesmo tempo, por todas as normas enunciadas, fazendo cruzar estética, ludicidade e pedagogia, por forma a promover o gosto pela leitura e pela literatura, ao mesmo tempo que se fomenta a aquisição de novo vocabulário, a apreensão de noções de espaço e de tempo ou, ainda, o contacto e/ou a consolidação de conceitos matemáticos. Trata-se, na verdade, de um exercício literário que, sendo arte, é naturalmente didáctico. Indiscutivelmente, Manuela Castro Neves, como deixou escrito Sophia de Mello Breyner, “Não quis fazer um livro de ensino mas apenas mostrar o poema em si próprio. Pois [...] só a arte é didáctica.” (ANDRESEN, 1999, p. 188).

REFERÊNCIAS

ANDRESEN, Sophia de Mello Breyner. *Primeiro Livro de Poesia*. 6.ed. Lisboa: Caminho, 1999.

COSTA, Maria José. *Um Continente Poético Esquecido. As Rimas Infantis*. Porto: Porto Editora, 1992.

EVARISTO, Ana Isabel. Vozes do feminismo português na literatura para a infância e a juventude do início do século XX –

algumas chegadas. In: BAPTISTA, Maria Manuel; LATIF, Larissa (org.). *Atas do V Congresso Internacional em Estudos Culturais*. Aveiro: Grácio Editor, 2016, p. 347-354.

EWERS, Hans-Heino. *Fundamental Concepts of Children's Literature*. NY: Routledge, 2009.

MACEDO, Ana Cristina. *A escrita de Ilse Losa para a infância e a juventude*. Porto: Tropelias & Cia, 2018.

NEVES, Manuela Castro. *O Elefante Diferente (que espantava toda a gente)*. Ilustr. Madalena Matoso, 2.ed. Alfragide: Caminho, 2012.

_____. *Uma Cadela Amarela e Vários Amigos Dela*. Ilustr. Madalena Matoso. Alfragide: Caminho, 2012.

_____. *Tantos Animais e Outras Lengalengas de Contar*. Ilustr. Yara Kono. Carcavelos: Planeta Tangerina, 2013.

_____. *Cinco Pais Natais e Tudo o Mais*. Ilustr. Maria Bouza. 2.ed. Lisboa: Máquina de Voar, 2016.

_____. *O Pato Amarelo e o Gato Riscado*. Ilustr. Madalena Matoso. Alfragide: Caminho, 2015.

_____. *Um Cavalinho entre Papoilas e Estrelas*. Ilustr. Madalena Matoso. Alfragide: Caminho, 2017.

_____. *Um Fantasminha no Jardim*. Ilustr. Maria Bouza. Lisboa: Máquina de Voar, 2017.

RAMOS, Ana Margarida. Novas vozes da literatura juvenil portuguesa contemporânea: o caso de Ana Pessoa. In: NAVAS, Diana; SILVA, Maurício (org.). *A Literatura Infantil e Juvenil na Contemporaneidade: histórias, caminhos, representações*. São Paulo: BT Acadêmica, 2016, p. 139-155.

_____; GOMES, José António; SILVA, Sara Reis. Memórias de

um tempo difícil: *Filhos de Montepó*, de António Mota. In: ROIG RECHOU, Blanca et. al. (coord.). *A Narrativa Xuvenil a Debate (2000- 2011)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2012a, p. 205-218.

_____; _____. Literatura juvenil e temas fracturantes, o caso de *Para Maiores de Dezasseis*, de Ana Saldanha. In: ROIG RECHOU, Blanca, et. al. (coord.). *A Narrativa Xuvenil a Debate (2000- 2011)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2012b, p. 259-269.

_____; _____. *Meia hora para mudar a minha vida* de Alice Vieira: narrativa juvenil, ficcionalização de dramas afectivos e crítica social. In: ROIG RECHOU, Blanca, et. al. (coord.). *A Narrativa Xuvenil a Debate (2000- 2011)*. Vigo: Edicións Xerais de Galicia, 2012c, p. 271-279.

SILVA, Maria Araújo da; BESSE, Maria Graciete Besse (org.). *Femmes Oubliées dans les Arts et les Lettres au Portugal (XIXe.-XXe. Siècles)*. Paris: Indigo-Côté Femmes, 2016.

SILVA, Sara Reis. Tendências da narrativa juvenil contemporânea: o caso de Ana Saldanha. In: *Boletín Galego de Literatura*, Santiago de Compostela: Servizo de Publicacións – Universidade de Santiago de Compostela, 2009, p. 279-295.

_____. Between open adventure in foreign lands and confined living in Portugal: children's literature and the work of Virgínia de Castro e Almeida. In: *AILIJ – Anuário de Investigación en Literatura Infantil y Juvenil*, 8, 2010, p. 123-137.

_____. Novas vozes da literatura portuguesa para a infância: o caso de Carla Maia de Almeida. In: *Malasartes (Cadernos de literatura para a infância e a juventude)*, nº 21-22, 2011, p. 19-22.

_____. Literatura para a Infância no Estado Novo: voltar a ler Maria Cecília Correia. In: VIANA, F., RAMOS, R.,

COQUET, E.; MARTINS, M. (coord.). *10º Encontro Nacional de Investigação/8º Internacional LI Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática Docente – Atas*. Braga: IE-UM, 2014, p. 429-436.

_____. *De como Portugal foi chamado à guerra*, de Ana de Castro Osório. In: Fernández, Mar et al. (coord.) *De como a literatura para a infância e a juventude “é chamada à guerra”*. Reflexões sobre os conflitos bélicos na Galiza e em Portugal. Porto: Tropelias & Cia, 2015, p. 51-66.

_____; RIBEIRO, João Manuel (org.). *Luísa Ducla Soares. Uma escrita lúdica, livre e crítica*. Porto: Tropelias & Cia, 2012.

_____; _____ (org.). *Estes livros que nós escolhemos: contributos para a leitura da obra infantil e juvenil de Alice Vieira*. Porto: Tropelias & Cia, 2016.

VICENTE, Ana; VICENTE, Filipa Lowndes. Fora dos cânones: mulheres artistas e escritoras no Portugal de princípios do século XX. In: *Faces de Eva. Estudos sobre a Mulher*. n. 33, 2015, p. 38-51.